



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de premiação das empresas mais admiradas do Brasil,
promovida pela revista Carta Capital**

São Paulo-SP, 20 de outubro de 2008

Meu querido companheiro Mino Carta, chefe, editor, diretor e dono da Carta Capital,

Meus companheiros ministros Tarso Genro, da Justiça; Guido Mantega, da Fazenda; Fernando Haddad, da Educação; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; José Toffoli, da Advocacia-Geral da União; Altemir Gregolin, da Aquicultura e Pesca; Paulo Vanucchi, da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Confesso a você, Mino, que eu não consigo mais fazer reunião de ministros com tantos ministros que você trouxe aqui.

Companheira Ana Júlia, governadora do estado do Pará,
Aécio Neves, governador do estado de Minas Gerais,
Roberto Requião, governador do estado do Paraná,
O Jaques Wagner já foi embora? Mas estava aqui, foi porque tinha um vôo às 9 horas,

Senadores Aloizio Mercadante e Eduardo Suplicy,
Senhores deputados federais,
Meu querido companheiro Luiz Gonzaga Belluzzo, consultor editorial da Carta Capital,

Nossa querida Manuela Carta,
Meu caro Roger Agnelli,
Senhoras e senhores representantes das empresas premiadas,
Meus companheiros e companheiras das escolas premiadas,
Meus amigos e minhas amigas,



Mino, tenho um discurso aqui, elaborado pela minha fábrica de produzir discursos. Eu tenho uma pequena fábrica de produzir discursos. Às vezes, são oito discursos por dia sobre assuntos variados, e vou abrir mão do meu discurso para dizer poucas palavras que eu queria dizer aqui.

Primeiro, estou em crise, porque venho à premiação promovida por uma revista e o dono da revista esculhamba com todo mundo. Certamente, a Miriam Leitão não vai dar notícia deste ato, muito menos o editorial do Estadão, muito menos o Jornal Nacional, muito menos outros jornais que você criticou. Não vou nem falar de revistas para não ter antagonismo. É a antipublicidade.

De qualquer forma, eu não poderia deixar de elogiar, de cumprimentar os companheiros que vieram aqui, em nome de suas empresas, receber o prêmio justo e merecido, e os companheiros diretores de escolas que, nessa inovação da Carta Capital, também recebem os seus prêmios.

O momento exige que nós falemos de outros assuntos, que falemos de crise, e eu sou um azarado. Vocês sabem que eu fui gestado em crise. Minha mãe, quando engravidou do meu pai, ele veio embora e a largou lá sozinha, e eu já entrei em crise. Vim conhecer meu pai cinco anos depois e entrei em crise outra vez, porque descobri que ele estava casado com outra mulher e já não era mais apenas minha mãe que era mulher dele. E depois, várias outras crises que eu vivi na vida.

Você sabe que a crise de subsistência dos pobres no País é uma coisa complicada, Mino, é uma labuta diária para sobreviver. Imagine a crise para chegar a presidente da República, imagine o que a gente tem que vencer de preconceito, de enfrentamento de adversidades o dia inteiro, a noite inteira. Não tem jeito, Mino, é difícil. Eu sinto exatamente o que você sente, eu sei exatamente o que você sofre, o que você passa e que outras pessoas passam, mas, ao mesmo tempo, eu sou um otimista e acho que nós dois deveríamos servir de orientação para os outros, porque somos vencedores.



Queria dizer para vocês que eu sou um homem... não sou amante de crise, mas eu acho que a crise é uma coisa que motiva a gente a sobreviver. Se não tem crise, a gente fica como aquele cidadão que ficou rico herdando (inaudível) do pai sem nunca ter produzido um alfinete. O cara é rico, tudo, mas nunca produziu nada. Eu prefiro aqueles que produzem menos, mas que cada gota do que produzem é à custa do seu suor, do seu sangue, do seu estudo, da sua dedicação.

Por isso, nesse momento em que o mundo está vivendo uma crise profunda, eu queria fazer um chamamento para que nós enfrentássemos essa crise de cabeça erguida, enfrentássemos a crise como os empresários que receberam o prêmio aqui, enfrentássemos a crise como estes educadores que vieram aqui mostrar o exemplo das escolas em que trabalham e que, do Acre ao Tocantins, foram lembrados por alguém que entende que eles fizeram alguma coisa de útil.

É verdade que a especulação financeira, eu diria, um cassino estabelecido a partir do *subprime*, colocou o sistema financeiro e o seu controle em cheque em nível internacional; é verdade que aqueles que durante tanto tempo deram palpite sobre a economia brasileira não tomavam conta da sua economia; é verdade que aqueles que fazem julgamento do risco-Brasil... Mino, se eu perguntasse para você qual o Risco americano hoje... Nós economizamos como condenados, trabalhamos, fazemos superávit, ficamos a vida inteira tentando ver se a gente coloca o dólar num número que seja compatível com os interesses dos importadores e dos exportadores – por isso nós mantemos o câmbio flutuante – e todos os dias eu vejo no meu computador “risco-Brasil sobe”. O americano quebra e o nosso Risco sobe. Nós fazemos uma “baita” de uma administração, o Bush faz um desastre, nós corremos risco e ele não corre. Fico imaginando que tem alguma coisa errada nessa avaliação. De repente eu percebo que as empresas que avaliam o nosso Risco quebram também. Obviamente que só posso falar isso depois de seis



anos de governo. Se estivesse falando isso para ganhar as eleições, não ganharia nunca.

Eu suei muito para estar aqui, com o apoio de vocês, com o apoio unânime de alguns, mais ou menos de outros, mas, de qualquer forma, nós estamos aqui para discutir um pouco o nosso país, este país extraordinário que superou todas as crises a que foi submetido, este país que superou todos os pacotes econômicos inventados ao longo das crises econômicas, este país que, às vezes, era governado como se precisasse de um mágico para inventar alguma coisa. Não vou citar nomes aqui porque não quero nominar e não sou preconceituoso, mas conheço gente neste país que levou a inflação a 80% ao mês e hoje ganha dinheiro falando em estabilidade, e ganha muito dinheiro. Ganha mais do que eu que faço a estabilidade, muito mais do que eu.

Neste momento, em que o Brasil está vivendo essa situação em função da irresponsabilidade do mundo desenvolvido... Desde 1929 – e em 1929 os Estados Unidos não eram tão desenvolvidos – que a gente tem a primeira crise nos países desenvolvidos, ou seja, a crise é no coração, na artéria principal do sistema capitalista de 2008, e uma crise de irresponsabilidade, porque algumas pessoas venderam o que não tinham para vender e deram como garantia aquilo que não tinha garantia.

E cá estamos nós, os mortais do Terceiro Mundo, dos países emergentes, tendo, de um lado, uma pequena minoria de políticos torcendo para dar tudo errado. Requião, Aécio, que estou vendo aqui agora, Ana Júlia, vocês não sabem como tem gente torcendo para dar errado. Há gente que pede a Deus todos os dias para a crise chegar logo ao Brasil, “porque não é possível que esse Lula fique incólume nessa crise”. É possível, e essa crise, dentre os benefícios que vai causar, vai eleger o Obama presidente dos Estados Unidos, eleger um negro, o que não é pouca coisa. Pode até ser que não tenha muita diferença ideológica e conceitual entre democratas e republicanos na hora em que se trata da política interna dos Estados Unidos. Mas, do ponto de vista



simbólico, este mundo elegeu um torneiro mecânico pela segunda vez no Brasil, elegeu um índio na Bolívia; eleger um negro nos Estados Unidos e um bispo no Paraguai é demais. A Sociologia, Paulinho Vanucchi, vai ter que ser reinventada ou, pelo menos, repensada adequadamente para saber o que está acontecendo no mundo.

Eu resolvi, Mino, começar falando de crise porque não adianta vir até aqui e não falar de crise se todo mundo fala de crise, se amanhã eu vou pegar o jornal e todas as manchetes são de crise. A Bolsa sobe seis, noutra hora cai 10, na outra sobe 15, na outra cai 20. O Guido Mantega está quase perdendo os cabelos, o Meirelles está criando novos cabelos, e nós estamos acompanhando esta crise com a responsabilidade de quem sabe o tamanho do Brasil, com a responsabilidade de quem sabe o papel que o Brasil representa no mundo hoje, e com a certeza de alguém que sabe que nós construímos bases muito sólidas para enfrentar situações adversas.

Nunca, em nenhum momento, este país esteve tão preparado para enfrentar adversidades como nós estamos preparados hoje, economicamente, politicamente e, eu diria, ideologicamente. Não é que as coisas sejam fáceis, é que nós nos preparamos para enfrentar esta situação adversa. Da parte do governo federal – estamos nos reunindo quase diariamente. Eu nunca fiz tanta reunião com o Guido e com o Meirelles como estou fazendo nos últimos 30 dias – estamos conscientes... Não que estejamos livres da crise, porque não é pouca coisa uma crise que envolve 4, 5, alguns dizem 6 trilhões de dólares. O que eu tenho certeza é que já passou de 3 trilhões de dólares, e este país continua incólume. Diferentemente da crise de algum tempo atrás, em que 70 bilhões do México, 70 bilhões asiáticos, mais 40 bilhões russos, ou seja, menos de 200 bilhões quebraram o nosso país três vezes. Até agora nós não quebramos e até agora estamos acompanhando passo a passo como se fosse um médico com aquele aparelho ouvindo o batimento do coração de uma criança, para que a gente não apresente nunca nenhuma proposta de pacote



econômico neste país, que a gente tente resolver pontualmente cada problema que apareça. Se é problema de liquidez, vamos resolver os problemas de liquidez; se é problema de carteira de determinados bancos, vamos resolver os problemas da carteira de determinados bancos; se é problema de alguma indústria, vamos resolver os problemas dessa indústria; se é problema de algum setor econômico, vamos tentar resolver os problemas do setor econômico, mas nunca tentar apresentar um pacote, como se nós pudéssemos ter a “tábua de salvação” para um conjunto de erros cometidos em nível internacional.

Estou convencido e queria passar para vocês essa idéia. Queria, aliás, Roger, agradecer e dar os parabéns pela matéria que você fez, dizendo que a Vale do Rio Doce não vai parar de investir em nenhum dos seus projetos. Tenho consciência de que esse é o desejo da Petrobras, e posso dizer para vocês que não faltará um real em nenhuma obra do PAC neste país até 2010. Nós vamos enfrentar esta crise de cabeça erguida, tratando-a como deve ser tratada, tendo em conta que o Brasil tem um potencial de mercado interno que poucos países do mundo têm, e que contra a crise nós temos que fortalecer o nosso mercado interno. Se falta dinheiro para liquidez em nível internacional, nós vamos ter que cuidar de dar liquidez ao sistema financeiro brasileiro, às empresas brasileiras, para que a gente possa produzir.

Como eu vivi em crise a vida inteira... Aliás, você me conheceu em crise, Mino, em 1977, crise de existência sindical. Até agora nós conseguimos vencer todas as crises e vamos vencer esta, primeiro, porque estou com a convicção de que as medidas tomadas pelos governos europeus, pelos Estados Unidos e pela Inglaterra vão começar a surtir efeito, eu diria, logo, logo. Não é possível que depois de alguém disponibilizar 3 trilhões de dólares para o sistema financeiro, não surta algum efeito. Em segundo lugar, porque o nosso sistema financeiro é mais sério do que o internacional; em terceiro lugar, porque nós temos um sistema financeiro, a parte pública dele, que poucos países no



mundo têm, nas condições que nós temos; e em quarto lugar, porque nós temos uma possibilidade de crescimento no mercado interno que outros países não têm. Aliás, ainda nem convenci a TAM e a GOL de que é um grande negócio a gente começar a fazer vôos para a África. Isso é importante e vamos fazer uma conversa para os próximos dias, porque estou convencido de que neste momento em que o mundo rico pode entrar em recessão, nós temos que procurar novos nichos de oportunidade, novos parceiros, tentar fazer o encontro de similaridades entre países, para vender aquilo que certamente o mundo rico já não compraria mais do Brasil.

Estou convencido de que, desta vez, são exatamente os países emergentes, dos quais o Brasil faz parte, que vão dar solução a uma crise internacional causada pelos países ricos, eu diria, crise causada pela irresponsabilidade. Fizeram do sistema financeiro internacional uma jogatina, a ponto de nós, aqui no Brasil, cumprirmos todas as regras das decisões de Basileia; a ponto de, aqui no Brasil, não conseguirmos alavancar, por decisões do governo, mais que dez vezes o patrimônio líquido de um banco de investimentos, enquanto nos Estados Unidos se alavanca 30% e há rumores de que é 60 ou 90 vezes mais do que aquilo que o banco tem de patrimônio líquido. Não é possível.

O companheiro Guido Mantega está aqui e sabe, o Meirelles que não está aqui sabe que nós precisamos fazer um enfrentamento político internacional. É preciso transformar o G-20, que surgiu para tentar ajudar na Organização Mundial do Comércio e que agora se organiza com o Ministro da Fazenda, num foro de debate político entre os presidentes que compõem o G-20 para criar uma nova ordem econômica internacional. É preciso que haja um mínimo de controle, Mino.

A liberdade é extraordinária, e vamos gritar a vida inteira “liberdade”, não apenas de imprensa, mas liberdade também para a economia, desde que as pessoas ajam com responsabilidade. Não é possível que aqui no Brasil a



gente, que vê tanta gente ganhar dinheiro trabalhando honestamente... Nenhum empresário neste país pode se queixar de ganhar dinheiro, porque nesses últimos anos todos ganharam muito dinheiro; o sistema financeiro não pode se queixar de não ter ganhado dinheiro, porque ganhou muito dinheiro; os trabalhadores ganharam aumento de salário; os pobres deixaram de ser mais pobres; tudo isso trabalhando com honestidade. Não é justo que alguém invente uma forma de ganhar dinheiro mais fácil, não é justo que alguém invente um jeito de transformar a economia sólida num cassino, e tente ganhar dinheiro especulando com o dólar baixo.

Eu penso que o Brasil pode, outra vez, contribuir para que o mundo faça uma reflexão sobre os momentos que estamos vivendo. Eu, que tenho tido a oportunidade de conversar com muitos dirigentes políticos do mundo inteiro, sei da angústia de cada um, sei das dificuldades de muitos, mas tenho convicção de uma coisa, meu caro Roger Agnelli: contra a recessão nós temos que aumentar a nossa capacidade de produção, a nossa capacidade de investimento, a nossa capacidade de consumo. Este país, diferentemente de outras vezes, não vai ficar parado chorando a crise que aconteceu por conta do *subprime*. Cada governador de estado, cada prefeito, cada administrador público vai ter que colocar a sua criatividade, a sua competência e a sua autoridade para que a gente transforme este momento de incerteza no mercado financeiro – que certamente irá se transformar em incertezas no setor de produção, na nossa indústria e no consumo – em incentivo para que no Brasil a gente não diminua a capacidade de investimento do Estado brasileiro, que as empresas brasileiras não diminuam a capacidade de investimento que já estava determinada.

Se formos ousados e resolvermos enfrentar esta crise de cabeça erguida, sem ficar apenas olhando os temores daqueles que causaram esta crise, mas se a gente pensar, a partir do Brasil, a partir dos países emergentes, a partir dos Brics, com exceção da Rússia que tem problemas, os outros estão



mais ou menos sólidos. Mesmo a China diminuindo um pouco o seu crescimento, de 10 ou 11 para nove, ainda é um crescimento extraordinário. Se nos juntarmos e estabelecermos estratégias comuns, descobriremos nichos de oportunidades entre nós, certamente poderemos, no século XXI, fazer com que os países emergentes resolvam uma crise causada pelos países ricos, e apenas por irresponsabilidade.

Há um ano, em setembro do ano passado, eu e muitos de vocês fizemos os primeiros discursos sobre o *subprime*. Precisou de um ano para serem tomadas as primeiras medidas. Foram tomadas, primeiro, pelos Estados Unidos, depois pela Inglaterra e depois pelos países do euro. Essas tomadas de posição ainda não entraram em vigor, Mino, porque não foram sequer regulamentadas. As que nós tomamos no Brasil, e todo santo dia tomamos decisões, até agora estamos colhendo bons e extraordinários resultados. O Guido nunca esteve tão alerta como está agora, o Guido nunca conversou tanto com outros ministros como tem conversado agora, para que a gente não vacile com relação à agricultura, para que a gente não brinque com relação à indústria brasileira, e para que a gente transforme este sinal de crise numa oportunidade extraordinária de crescimento no nosso país.

É com essa convicção que quero continuar governando este país, terminar 2008, que eu acho que já é um ano mais ou menos consagrado para nós, e preparar 2009 para garantir que a gente não permita que este país tenha um retrocesso, como muitas vezes tivemos, por falta de ação do governo.

No discurso, eu não ia falar de crise com vocês. Ia falar só de coisas boas, da Carta Capital, dos prêmios, mas não adianta porque quando ler o jornal, não fala nada do que eu falei aqui, só fala de crise. Então, falei: deixe eu me antecipar aqui. Depois de uma bela conversa que tive hoje com o Belluzzo, com o Aloizio Mercadante, com o Guido Mantega, e com outras pessoas, queria terminar dizendo para vocês: este país não vai ser vítima como foi das outras vezes. Nós sabemos o que representa esta crise, sabemos a quantidade



de trilhões que está envolvida nela, sabemos o que está acontecendo no sistema financeiro, mas nós também sabemos que a melhor maneira de enfrentá-la não é ficar choramingando, é trabalhar, e trabalhar cada vez mais para que o Brasil, ao terminar esta crise internacional, se coloque definitivamente como o país mais preparado para obter, quem sabe, os investimentos e aproveitar as oportunidades que irão se apresentar para nós no próximo ano.

Estejam certos de que iremos trabalhar como nunca trabalhamos, iremos fazer tudo o que tiver que ser feito, iremos tomar todas as medidas que tivermos que tomar para garantir que este país tenha crédito, que este país tenha liquidez, que o nosso sistema continue funcionando corretamente e que as empresas brasileiras possam produzir. Sobretudo, eu tenho um pedido para o Guido: dentre todas as coisas que vamos fazer, nós temos que garantir que este povo tenha crédito porque quando ele tem crédito, ele consome; quando ele consome, a indústria produz, o comércio vende e a economia cresce. É dessa forma que nós queremos vencer os obstáculos que estão se apresentando para nós.

Gostaria de convocar os empresários brasileiros, todos eles, os premiados e os não-premiados, a terem a coragem que teve o companheiro Roger Agnelli de dizer: “a Vale do Rio Doce acredita no futuro no Brasil, acredita no futuro da Vale e vamos continuar fazendo todos os investimentos que já estavam programados”. É assim que nós venceremos mais uma crise e conseguiremos tirar o Brasil, mais uma vez, do desespero que alguns querem levá-lo, dentre eles, alguns que você citou no seu discurso.

Parabéns, Mino, parabéns aos premiados e parabéns a todos que estão participando deste ato.

(\$211A)